

EDITORIAL, V. 24, N. 2, MAIO/AGO. 2020: [...] EM TEMPOS DE PANDEMIA

EDITORIAL, V. 24, N. 2, MAYO/AGOSTO. 2020: [...] EN TIEMPOS DE PANDEMIA

EDITORIAL, V. 24, N. 2, MAY/AUG. 2020: [...] IN TIMES OF PANDEMIC

Sebastião de Souza LEMES¹
José Anderson SANTOS CRUZ²

Desde sempre somos preparados, orientados e conscientizados do que devemos fazer, mas o que fazer diante de ou envolvido em algo desconhecido? Quando pensamos em Pós-Graduação estamos falando do mais alto nível de conhecimento que a sociedade atual produz, mas e sobre o desconhecido? Um contexto de pandemia só é superado por meio da eliminação do fato gerador, nesse caso “novo corona vírus”, então: uma vacina. Em tempos de pandemia, esperamos por um remédio, a escola precisa aguardar solução, mas não significa imobilizar... a educação, como processo e como instituição é única que tem grande responsabilidade e centralidade sobre o presente e o futuro da sociedade. A escola não pode se ausentar. Para a escola, a educação e a ciência diante o desconhecido devem ser estudar, conhecer e ensinar. Como agir no desconhecido? Uma situação absolutamente complexa, caótica... A educação pensa sobre, dialoga, explica, articula, media, pactua sobre a situação em evidente e concreta circunstancialidade. O ponto comum e de convergência entre todos sobre a educação é a necessidade de sua visão projetiva para o depois, o preparo para o retorno à normalidade. O que se leva da anormalidade circunstancial para a normalidade (quase) permanente? Ao pensarmos em Pós-Graduação pensamos no preparo de pessoas para oferecerem respostas, soluções, opções, mas nesse caso onde elas estão? Como podemos oferecer o que ainda não existe?

... então o que fazer diante de ou envolvido em algo desconhecido?

A educação não pode contemplar o que está por vir, precisa que projetá-lo. O futuro não pode ser improvisado é preciso reflexão, criticidade e pensamento projetivo e não podemos resolver um problema pensando da mesma maneira que pensávamos ao sermos envolvidos por ele (Einstein). Estamos diante da necessidade de mudança no modo de olhar, de ver e de processar as coisas. Rever e reconstruir padrões de análises, desconsiderar como orientadores conceitos que não atenderão à situação presente. Isso tudo, nesse contexto precisa ser apreendido e, o momento de aprender é agora e não quando tudo acaba. Vamos entender a mensagem.

¹ Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara – SP – Brasil. Professor do Departamento de Antropologia, Política e Filosofia. Coordenador do Programa de pós-graduação em Educação Escolar. Editor. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0750-9294>. E-mail: ss.lemes@gmail.com

² Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara – SP – Brasil. Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar. Bolsista CAPES/DS. Editor Adjunto e Executivo. Assessoria Técnica para periódicos da Educação. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-5223-8078>. E-mail: andersoncruz.unesp@gmail.com

O isolamento social nos impôs um confinamento que nos revela o quão difícil é viver isolado (para o cérebro é o mesmo que com fome), mas não nos impediu de compartilhar mais conhecimento do que nunca. Ao que parece, nosso futuro depende diretamente da colaboração e, neste momento, do conhecimento compartilhado e colaborativo para não nos imobilizarmos e podermos buscar o remédio. Agora, colaborar implica confiança: no nosso trabalho, nos nossos pares, colegas de trabalho, alunos, dirigentes. Quando a educação prepara para competir e obedecer, e o sucesso no trabalho depende de que se derrote uns aos outros, a confiança se abala e fragiliza.

Nesse contexto e sentido o que fica em evidência é precisamente o valor do que se aprende. Todos os dias aprendemos algo, mas nesse caso, a questão é que aprendemos no improvisado e, por isso, não valorizamos o aprendizado. Estamos envolvidos em uma das áreas de conhecimento que, em geral, preferimos ignorar os sinais que nos chegam. Em Áreas como a educação, o meio ambiente e a saúde, tais sinais somente são vistos quando já estão nos atingindo direta e fisicamente. Compreendamos que aprender não é para quando temos tempo ou recursos, aprender é o mesmo que respirar, deve ser o nosso propósito, porque a vida segue e não espera que se tenha vontade de aprender para cultivá-la. Aprender sobre o nosso modo de vida que nos trouxe até aqui, onde e como estamos, se não o fizermos agora quando faremos?

Alguns dados da pandemia da Covid19

O Brasil é um dos países com transmissão comunitária da COVID-19 e confirmou 114.715 casos e 7.921 mortes pela doença até a tarde do dia 5 de maio de 2020. (após o fechamento do boletim da OMS nº 106). No dia 11/05/2020, já passamos de 10.500 casos, hoje dia 27/05 passamos de 20000 oficialmente confirmados com a nítida evidência de subnotificação. No dia 05/06 ultrapassamos 32000 óbitos, a trajetória da curva de contágio é ascendente e o poder público começa buscar subterfúgios para que a informação não seja disseminada. Por vários dias, os dados oficiais têm sido divulgado horário mais tarde que o normal, onde a mídia atinge uma minoria da população, Com os novos óbitos, acima de 1000/dia, acumula-se 35026 casos registrados de óbitos e mais de 645.700 infectados. Aqui começa, por hipocrisia ou vilania, responsabilizar o termômetro pela febre. Contudo, parece que essa desfaçatez negacionista, em tom de desqualificação dos fatos, por parte de certas atitudes de governos e governistas, é parte atávica de nossa história política.

A título de ilustração, consta nos documentos históricos do arquivo do Senado Federal que, na virada de 1849 para 1850, o patógeno da febre amarela pegou o governo imperial de surpresa e avançou sobre as cidades do litoral, causando pânico e morte. Esses documentos mostram que, apesar da destruição que a doença produzia no Império, houve políticos que negaram a realidade e tentaram minimizar a gravidade da epidemia. O exemplo emblemático nesse sentido e contexto é que consta desses documentos o discurso proferido em abril de 1850, no Palácio Conde dos Arcos, sede do Senado, no Rio de Janeiro, onde o senador e ex-ministro Bernardo Pereira de Vasconcellos afirmou que a doença não era tão perigosa e chegou a pôr em dúvida se seria mesmo a temida febre amarela:

“Estou convencido de que se tem apoderado da população do Rio de Janeiro 1 terror demasiado e que a epidemia não é tão danosa como se têm persuadido muitos. Talvez fosse mais conveniente que o governo não tivesse criado lazaretos [hospitais de isolamento] e feito tanto escarcéu. Julgo até necessário que se institua exame público a esse respeito, a fim de mostrar ao Brasil e ao mundo que não é a febre amarela o que reina hoje.” *Apesar desta convicção*, duas semanas depois de fazer esse discurso, o senador Vasconcellos também morreu de febre amarela.

Tanto pelo que a história nos apresenta e ensina, como pelo presente que vivemos hoje, a realidade objetiva nos impõe restrições severas quando o que está em questão é a vida dos seres humanos.

Esse surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização Mundial da Saúde, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Denominada emergência sistêmica que ao se instalar paralisa o sistema. Cabe-nos, a partir daqui, indagar, nesta fase da crise da saúde, que consequências afetarão diretamente crianças e jovens? De que forma? O que cabe à Universidade, aos programas de formação de professores e aos Programas de Pós-Graduação?

Um declínio na aprendizagem; um aumento nas taxas de abandono; a fome da refeição mais nutritiva do dia para uma significativa parcela dessas crianças e jovens.

Tais indagações irão expor e evidenciar grandes mazelas produzidas pelas das desigualdades que caracterizam a maioria dos sistemas educacionais em todo mundo e as crianças desfavorecidas serão as mais afetadas. Indaguemos e reflitamos pois.

Como referenciar

LEMES, Sebastião de Souza; SANTOS CRUZ, José Anderson. Editorial, v. 24, n. 2, maio/ago. 2020: [...] em tempos de pandemia. **Revista on line de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 24, n. 2, p. 294-296, maio/ago. 2020. e-ISSN: 1519-9029. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v24i2.13767>

Submetido em: 09/04/2020

Publicado em: 09/04/2020